O PACTO SECRETO

QUE DEUS FEZ ANTES DE CRIAR ADÃO

Documento Bibliográfico e Referencial

Fontes Primárias, Tradição Esotérica e Literatura Apócrifa

Compêndio cronológico das obras consultadas para a construção da narrativa documental sobre o Pacto Anterior à Luz, abrangendo tradições sumério-acádicas, hebraicas, enoquianas, gnósticas, rabínicas, cabalísticas e da mística cristã primitiva.

Ordem cronológica · Período aproximado · Notas de uso narrativo

Nota Introdutória

O presente documento reúne, em ordem cronológica aproximada, as fontes primárias e secundárias que fundamentam a narrativa do filme-documentário O Pacto Secreto Que Deus Fez Antes de Criar Adão. Cada obra listada foi escolhida não apenas por sua relevância histórica, mas pela contribuição específica que oferece à compreensão dos conceitos centrais explorados na narrativa: o Tzimtzum (a contração divina), o Ein Sof (o Infinito Inominável), as Hierarquias Celestes, a queda dos Vigilantes, a doutrina das Kelipot (cascas), e o tema do Véu do Esquecimento.

As datações apresentadas seguem o consenso acadêmico majoritário, com referência aos estudos críticos mais recentes em assiriologia, estudos bíblicos, estudos do Segundo Templo, patrística, gnose copta e cabala histórica. Quando uma obra é composta de camadas redacionais distintas, indica-se o período provável da composição final ou da redação que deu à obra sua forma reconhecível.

Este compêndio destina-se a servir como ponto de partida para o espectador que deseja aprofundar-se nas fontes originais. Ele não substitui o estudo direto dos textos, mas oferece um mapa cronológico do desenvolvimento das tradições que sustentam a narrativa.

I. Substrato Mitológico Anterior (c. 2000–600 a.C.)

Camadas de tradição mesopotâmica e cananeia que precederam e influenciaram a redação do Gênesis hebraico, fornecendo o repertório de imagens cosmogônicas que o texto bíblico tanto reapropriou quanto contestou.

c. 1900–1600 a.C.

Enûma Eliš (Quando no alto). Poema cosmogônico babilônico em sete tabuinhas cuneiformes, redigido provavelmente durante a Primeira Dinastia da Babilônia. Contribuição narrativa: estrutura do conflito primordial entre as forças do caos (Tiamat, Apsu) e a ordem (Marduk), oferecendo paralelo conceitual à ideia de uma criação que emerge de uma ferida ou ruptura no estado primordial. Edição crítica recomendada: W. G. Lambert, *Babylonian Creation Myths*, Eisenbrauns, 2013.

c. 1800 a.C.

Atrahasis. Épico acadiano sobre a criação do homem a partir do barro misturado com o sangue de um deus sacrificado. Contribuição narrativa: fornece o protótipo mais antigo conhecido da ideia de que o ser humano é constituído por uma mistura de matéria terrena e substância divina, tema central no Ato IV da narrativa. Tradução acadêmica: Stephanie Dalley, *Myths from Mesopotamia*, Oxford University Press, 2000.

c. 1400–1200 a.C.

Ciclo de Baal (Tabuinhas de Ugarit). Conjunto de tabuinhas em ugarítico descobertas em Ras Shamra, Síria. Contribuição: vocabulário cosmológico noroeste-semítico que ressoará no Antigo Testamento, particularmente nas menções aos *bene Elohim* (filhos de Deus) e à corte celeste. Edição: Mark S. Smith, *The Ugaritic Baal Cycle*, Brill, 1994–2009.

II. Cânon Hebraico (c. 950–400 a.C.)

Camadas redacionais da Torá e dos Profetas que estabelecem o quadro narrativo fundamental sobre o qual toda a tradição posterior se construirá.

c. 950–500 a.C.

Gênesis (cap. 1–11). Composto de pelo menos duas tradições principais: a Javista (J, c. século X–IX a.C.) e a Sacerdotal (P, c. século VI a.C.). Contribuição: o relato canônico da criação, do Éden, da queda, dos *bene Elohim* que tomam por esposas as filhas dos homens (Gn 6:1–4), e do dilúvio. A narrativa do filme parte das lacunas e ambiguidades deste texto. Edição crítica: *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

c. 593–571 a.C.

Livro de Ezequiel (caps. 1, 10 e 28). Visões da Mercavá (Carro Celestial), dos quatro seres viventes, das rodas-dentro-de-rodas, e o lamento contra o rei de Tiro com elementos angelológicos pré-queda. Contribuição: vocabulário visionário essencial para a descrição das Hierarquias Celestes no Ato II.

c. século VI a.C.

Livro de Isaías (cap. 6 e cap. 14). Visão do trono divino com os Serafins de seis asas e a passagem sobre a queda de *Helel ben Shachar* (Lúcifer, o filho da aurora). Contribuição: matriz textual para a tradição posterior sobre a queda angelical.

c. século V–IV a.C.

Livro de Jó (caps. 1–2 e 38–41). Apresenta *ha-Satan* (o Acusador) como membro da corte celeste com permissão para falar e contestar diante de Deus. Contribuição central: figura jurídica do Adversário como cosignatário do pacto, conforme explorado no Ato II.

c. século III a.C.

Livro de Daniel (caps. 7 e 10). Visão do *Atik Yomin* (Ancião de Dias) e dos príncipes angelicais das nações. Contribuição: descrição da corte celeste e da hierarquia entre os Arcontes-regentes.

III. Literatura do Segundo Templo e Pseudoepígrafos (c. 300 a.C.–100 d.C.)

Período de intensa produção apocalíptica e angelológica, em que os silêncios do Gênesis foram preenchidos por elaborações narrativas detalhadas sobre as Hierarquias Celestes, a queda dos Vigilantes e o pacto cósmico.

c. século III a.C.

Livro dos Vigilantes (1 Enoque, caps. 1–36). Núcleo mais antigo do corpus enoquiano, preservado integralmente em ge'ez (etíope) e parcialmente em aramaico nos manuscritos de Qumran (4QEn). Contribuição central para o Ato II: relato detalhado da descida dos duzentos Vigilantes ao Monte Hermon, liderados por Semjaza, Azazel, Kokabiel, Penemue e Sariel; ensinamento das artes proibidas; geração dos Nefilins. Edição crítica recomendada: George W. E. Nickelsburg, *1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1–36; 81–108*, Hermeneia/Fortress Press, 2001.

c. século II a.C.

Livro dos Jubileus. Reescrita expansiva de Gênesis e parte de Êxodo, preservada integralmente em ge'ez. Contribuição: elaborações angelológicas e a divisão dos espíritos puros e impuros após o dilúvio. Edição: James C. VanderKam, *The Book of Jubilees*, Peeters, 1989.

c. século II a.C.–I d.C.

Livro das Parábolas (1 Enoque, caps. 37–71). Camada enoquiana posterior, contendo a doutrina do Filho do Homem celestial e visões judiciais do Ancião de Dias. Contribuição: imaginário do julgamento cósmico que ressoa no Ato V.

c. século II a.C.–I d.C.

Manuscritos do Mar Morto (Qumran). Conjunto de mais de novecentos manuscritos descobertos entre 1947 e 1956 nas grutas próximas a Khirbet Qumran. Contribuições centrais: *Regra da Comunidade* (1QS), com a doutrina dos dois espíritos; *Regra da Guerra* (1QM); fragmentos aramaicos do Livro de Enoque (4QEn$^{a–g}$); e os *Cânticos do Sacrifício Sabático* (4Q400–407, 11Q17), com angelologia litúrgica extremamente elaborada. Edição: *Discoveries in the Judaean Desert*, Oxford University Press, 40 volumes.

c. século I a.C.

Livro da Sabedoria de Salomão. Texto deuterocanônico em grego alexandrino. Contribuição: doutrina da Sabedoria pré-existente como agente ativo na criação (Sb 7:22–8:1), antecipando temas que serão centrais na gnose alexandrina.

c. século I d.C.

2 Enoque (Enoque Eslavo). Apocalipse preservado em eslavônico antigo. Contribuição: descrição dos sete céus e suas hierarquias, com elaboração sistemática da topografia angelical.

c. século I d.C.

4 Esdras e **2 Baruque**. Apocalipses pós-destruição do Templo (70 d.C.). Contribuição: meditações sobre o sofrimento, a teodiceia e o papel da humanidade no plano cósmico, ressoando especialmente no Ato III sobre as cláusulas do sacrifício.

c. 20 a.C.–50 d.C.

Filo de Alexandria, *De Opificio Mundi* e *Legum Allegoriae*. Síntese entre platonismo médio e exegese judaica. Contribuição: doutrina do *Logos* como mediador da criação e leitura alegórica do Gênesis que abre caminho para a gnose cristã posterior.

IV. Literatura Rabínica e Patrística (c. 100–600 d.C.)

Consolidação da exegese rabínica e formação do imaginário angelológico cristão primitivo, ambos mantendo correntes esotéricas vivas sob a ortodoxia visível.

c. século II–V d.C.

Bereshit Rabbah. Midrash exegético sobre o Gênesis, compilado na Palestina por volta do século V. Contribuição central: tradições aggádicas sobre a formação de Adão a partir de pó dos quatro cantos da terra, sobre o *Adam Kadmon* de estatura cósmica, e sobre a deliberação angelical antes da criação do homem (Gn Rabbá 8:5). Tradução crítica: H. Freedman e Maurice Simon, *Midrash Rabbah*, Soncino Press, 1939.

c. século III–V d.C.

Talmude Babilônico, tratados *Sanhedrin* (especialmente 38a–38b sobre a criação de Adão) e *Hagigah* (11b–16a, sobre o *Maaseh Bereshit* e o *Maaseh Mercavá* — as obras da criação e do carro celestial). Contribuição: registros das discussões esotéricas que apenas podiam ser transmitidas a discípulos avançados.

c. século II–III d.C.

Pirkê de-Rabbi Eliezer. Compilação midráshica de tradições antigas sobre a criação. Contribuição: elaborações sobre a queda dos anjos e a natureza de Samael.

c. 100–250 d.C.

Apócrifo de João (manuscritos coptas; original grego perdido). Texto sethiano gnóstico fundamental, preservado em três versões nos códices de Nag Hammadi (NHC II,1; III,1; IV,1) e no Códice Berolinense (BG 8502,2). Contribuição absolutamente central: cosmologia do Pleroma, queda de Sophia, surgimento do Demiurgo Yaldabaoth e dos Arcontes, criação do homem psíquico em duas etapas. Edição crítica: Michael Waldstein e Frederik Wisse, *The Apocryphon of John: Synopsis of Nag Hammadi Codices II,1; III,1; and IV,1 with BG 8502,2*, Brill, 1995.

c. século III d.C.

Hipóstase dos Arcontes (NHC II,4) e **Sobre a Origem do Mundo** (NHC II,5). Tratados sethianos descobertos em Nag Hammadi em 1945. Contribuição: descrição das hierarquias arcônticas, da rebelião contra o Pleroma e da criação do mundo material como prisão da centelha espiritual. Edição: *The Coptic Gnostic Library*, ed. James M. Robinson, Brill, 2000.

c. século III–IV d.C.

Apocalipse de Adão (NHC V,5). Revelação dada por Adão a Set sobre a verdadeira origem da humanidade. Contribuição direta para os Atos IV e V: memória pré-queda de Adão e o Véu instalado pelos Arcontes.

c. século III–IV d.C.

Pistis Sophia. Tratado gnóstico tardio em copta, preservado no Códice Askew. Contribuição: detalhamento do drama da queda da Sophia e do processo de redenção da centelha.

c. século V–VI d.C.

Pseudo-Dionísio Areopagita, *De Coelesti Hierarchia* (Hierarquia Celeste). Texto grego cristão de autor anônimo posteriormente identificado como sírio. Contribuição: sistematização das nove ordens angelicais em três tríades (Serafins, Querubins, Tronos / Dominações, Virtudes, Potestades / Principados, Arcanjos, Anjos), modelo que estruturou toda a angelologia ocidental subsequente.

V. Cabala Histórica (c. 200–1700 d.C.)

Tradição esotérica judaica que fornece o vocabulário técnico mais preciso da narrativa: Ein Sof, Tzimtzum, Reshimu, Kelipot, Sefirot, Adam Kadmon.

c. século II–VI d.C. (camadas)

Sefer Yetzirah (Livro da Formação). Texto fundacional da mística judaica, atribuído pseudoepigraficamente a Abraão, com camadas que remontam pelo menos ao período talmúdico. Contribuição: doutrina das *sefirot* primordiais e das vinte e duas letras como instrumentos da criação. Edição com tradução: Aryeh Kaplan, *Sefer Yetzirah: The Book of Creation*, Weiser Books, 1997.

c. século III–X d.C.

Literatura Hekhalot e Mercavá (*Sefer Hekhalot* / 3 Enoque, *Hekhalot Rabbati*, *Hekhalot Zutarti*, *Maaseh Mercavá*). Conjunto de tratados místicos sobre a ascensão visionária aos sete palácios celestes e à visão do trono. Contribuição: tradição da subida ao Mercavá e da metamorfose de Enoque em Metatron, o *Sar ha-Panim* (Príncipe da Face). Edição crítica: Peter Schäfer, *Synopse zur Hekhalot-Literatur*, J. C. B. Mohr, 1981.

c. século XII

Sefer ha-Bahir (Livro da Iluminação). Primeiro grande texto cabalístico medieval, surgido na Provença. Contribuição: introdução da doutrina das dez *sefirot* em sua configuração característica e do simbolismo da Árvore da Vida.

c. 1280–1286

Zohar (Sefer ha-Zohar — Livro do Esplendor), atribuído a Rabbi Shimon bar Yochai (séc. II) mas redigido em aramaico medieval pelo círculo de Moisés de León na Castela. Contribuição absolutamente central: comentário esotérico à Torá com extensa elaboração sobre o *Adam Kadmon*, as *Sefirot*, as *Kelipot*, o *Sitra Achra* (Outro Lado) e a doutrina do *Tikkun* (reparação cósmica). Os tratados *Idra Rabba*, *Idra Zuta* e *Sifra di-Tzeniuta* são citados diretamente nos Atos II e IV. Edição inglesa de referência: *The Pritzker Zohar*, tradução e comentário de Daniel C. Matt, Stanford University Press, 12 volumes, 2003–2017.

c. século XIII

Tratados de Joseph Gikatilla, especialmente *Sha'arei Orah* (Portões da Luz). Contribuição: sistematização dos nomes divinos em correspondência com as *sefirot*.

1534–1572

Cabala Luriânica — corpus de Isaac Luria (haAri, 1534–1572) compilado por seus discípulos, principalmente Chayyim Vital em *Etz Chayyim* (Árvore da Vida) e *Sha'ar ha-Gilgulim* (Portão das Reencarnações). Contribuição absolutamente central para a estrutura do filme: doutrina completa do *Tzimtzum* (contração), do *Reshimu* (resíduo), da *Shevirat ha-Kelim* (quebra dos vasos), do exílio das centelhas no domínio das *Kelipot*, e do *Tikkun Olam* (reparação do mundo). Esta é a fonte direta dos conceitos centrais dos Atos I, III e V. Estudo acadêmico de referência: Gershom Scholem, *Major Trends in Jewish Mysticism*, Schocken Books, 1941; e Lawrence Fine, *Physician of the Soul, Healer of the Cosmos: Isaac Luria and His Kabbalistic Fellowship*, Stanford University Press, 2003.

c. século XVIII

Moshe Chayyim Luzzatto (Ramchal), *Da'at Tevunot* (Conhecendo as Razões) e *Klach Pitchei Chochmah* (138 Portões da Sabedoria). Sistematização racional da Cabala luriânica. Contribuição: clareza expositiva sobre a doutrina do propósito da criação como ato de generosidade do Infinito.

VI. Estudos Críticos Modernos (séc. XX–XXI)

Bibliografia secundária essencial para a compreensão histórica e crítica das tradições primárias listadas acima.

Scholem, Gershom. *Major Trends in Jewish Mysticism*. New York: Schocken Books, 1941. — Obra fundacional dos estudos acadêmicos de cabala.

Scholem, Gershom. *On the Kabbalah and Its Symbolism*. New York: Schocken Books, 1965.

Scholem, Gershom. *Kabbalah*. Jerusalem: Keter Publishing, 1974.

Idel, Moshe. *Kabbalah: New Perspectives*. New Haven: Yale University Press, 1988. — Releitura crítica dos paradigmas estabelecidos por Scholem.

Tishby, Isaiah. *The Wisdom of the Zohar: An Anthology of Texts*. 3 vols. Oxford: Littman Library, 1989.

Pagels, Elaine. *The Gnostic Gospels*. New York: Random House, 1979. — Introdução acessível e rigorosa à biblioteca de Nag Hammadi.

Robinson, James M. (ed.). *The Nag Hammadi Library in English*. 4ª ed. Leiden: Brill, 1996. — Edição canônica em inglês dos códices coptas.

Nickelsburg, George W. E. *Jewish Literature Between the Bible and the Mishnah*. 2ª ed. Minneapolis: Fortress Press, 2005.

Reed, Annette Yoshiko. *Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity: The Reception of Enochic Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. — Estudo definitivo sobre a recepção da literatura enoquiana.

Boccaccini, Gabriele. *Beyond the Essene Hypothesis: The Parting of the Ways between Qumran and Enochic Judaism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

Stuckrad, Kocku von. *Western Esotericism: A Brief History of Secret Knowledge*. London: Equinox, 2005.

Dan, Joseph. *Kabbalah: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Fine, Lawrence. *Physician of the Soul, Healer of the Cosmos: Isaac Luria and His Kabbalistic Fellowship*. Stanford: Stanford University Press, 2003.

Nota Final sobre a Natureza desta Bibliografia

O filme-documentário O Pacto Secreto Que Deus Fez Antes de Criar Adão constitui uma obra de narrativa criativa fundamentada em fontes históricas reais. A seleção, a articulação e a interpretação dessas fontes são obra autoral, e não representam necessariamente o consenso de qualquer tradição religiosa ou escola acadêmica.

As tradições aqui listadas — hebraica canônica, enoquiana, gnóstica, rabínica e cabalística — não formam, em sua origem histórica, um sistema unificado. Cada uma desenvolveu-se em contextos específicos, com pressupostos teológicos próprios e, em muitos casos, em explícita oposição mútua. A obra audiovisual aproxima esses corpora distintos para construir uma narrativa mítica coerente, na tradição da literatura especulativa que reúne, sob uma única tessitura poética, materiais originalmente dispersos.

Recomenda-se vivamente ao espectador interessado o estudo direto das fontes primárias em edições críticas, bem como a consulta dos estudos acadêmicos modernos listados na seção VI. A profundidade real desses textos só se revela no contato direto com eles, e a presente narrativa funciona, na melhor das hipóteses, como um convite a esse estudo.

Documento referencial preparado como complemento de pesquisa
ao filme-documentário homônimo.